

As manifestações culturais e o turismo: um estudo acerca do Círio de Nazaré, Paixão de Cristo e do Chuva de Balas no país de Mossoró

Isabella Ludimilla Barbosa DO NASCIMENTO

Resumo: A cultura é um elemento essencial que motiva as pessoas a praticarem o turismo, de modo que desperta a curiosidade do visitante em conhecer algo que difere da sua realidade. Sendo assim, a atividade turística aproveita e se utiliza desse ensejo para explorar as manifestações culturais e promover as destinações. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo compreender como se dá a comercialização das manifestações culturais do Círio do Nazaré, da Paixão de Cristo e do espetáculo Chuva de Balas no País de Mossoró através do turismo. É de natureza exploratória e descritiva, a partir do levantamento bibliográfico realizado nas fontes. Essa interferência do turismo na realização e organização dos eventos e celebrações culturais alteraram de forma significativa a dinâmica social e econômica das localidades. Será feito o estudo baseado nos casos do Círio de Nazaré em Belém, da encenação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém e da apresentação do espetáculo Chuva de Balas no País de Mossoró durante o Mossoró Cidade Junina.

Palavras-chave: Turismo cultural. Identidade. Manifestações culturais.

Introdução

O turismo é uma atividade que vem crescendo e se destacando na economia do terceiro setor, no qual o mesmo pode ser caracterizado como um conjunto de serviços que pode ser segmentado e consumido pelos viajantes, sejam eles a procura de lazer, negócios, cultura, dentre outros.

Um desses produtos que o turismo pode oferecer é um dos seus segmentos que é voltado para o conhecimento e para a interação dos visitantes com a comunidade, sendo ele o turismo cultural. Uma de suas possíveis atividades é a visita aos museus e prédios históricos, a contemplação e interação com as manifestações culturais, dentre outros, no qual possibilita ao visitante conhecer a cultura e a história do local através dos patrimônios preservados e do modo de viver da população autóctone.

Cada localidade possui a sua característica e a sua singularidade, no qual uma forma que pode ser utilizada para destacar e enaltecer a cultura local é através da ocorrência de eventos que valorizam e promovem as suas manifestações culturais. Durante essas festas e/ou cerimônias de aspectos culturais, religiosos e sociais, um das principais intenções é promover os símbolos da identidade e da memória coletiva da população autóctone.

O turismo se utiliza disso de forma que aproveita essas épocas festivas para promover as destinações e dinamiza-las durante esses períodos. Sendo assim, esse fato do turismo se

apropriar dos elementos culturais a fim de comercializa-los, se estabelece como um fator pertinente de análise.

Sendo assim, tem-se como objetivo geral deste trabalho compreender como se dá a comercialização das manifestações culturais do Círio do Nazaré, da Paixão de Cristo e do espetáculo Chuva de Balas no País de Mossoró através do turismo. Para atender a isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: descrever as manifestações culturais do Círio de Belém, da Paixão de Cristo e Chuva de Balas no País de Mossoró; discutir o papel do turismo como dinamizador e promotor da identidade dessas manifestações; entender como o turismo pode se utilizar e comercializar esses elementos.

Como procedimentos metodológicos para a realização desse estudo, foi realizado uma ampla revisão bibliográfica, buscando levantar o maior número possível de informações e relatos sobre os assuntos de interesse para embasar a pesquisa realizada. Dessa forma, o estudo se caracteriza como estudo exploratório, e também como descritivo, no qual se baseia o conhecimento profundo do problema por parte do pesquisador, onde descreve e analisa os fatos decorrentes do objeto de estudo (GIL, 2010).

Sendo assim, primeiramente será apresentada uma discussão teórica referente a assuntos pertinentes para o estudo, como o turismo cultural, identidade e comercialização da cultura, dentre outros, no qual norteiam e embasam a pesquisa e posteriormente, será feita uma descrição quanto as manifestações culturais do Círio de Nazaré, da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém e do espetáculo “Chuva de Balas no País de Mossoró” no evento do Mossoró Cidade Junina.

Turismo e cultura: uma relação possível

Com as novas dinâmicas geradas a partir das mudanças ocorridas na economia e também na sociedade, principalmente após a Revolução Industrial, o setor de serviços vem ganhando cada vez mais espaço e representatividade no âmbito mundial, e é nesse contexto em que o turismo está inserido (DIAS, 2006).

O turismo se constitui atualmente como uma atividade relevante para os locais que o realizam e como uma alternativa de dinamizar a economia e a sociedade local. Quando bem trabalhado e planejado, possibilita um grande fluxo de turistas, no qual pode proporcionar vários impactos positivos para a região, como aponta Portuguez (2004, p. 36):

O turista é um grande consumidor de bens e serviços; sua presença dinamiza os diversos setores da vida da cidade, gera riqueza e emprego e introduz novas modalidades no consumo e nos usos do solo urbano (restaurantes, hotéis, comércio turístico, estacionamentos, etc).

Outro aspecto pertinente é que o turismo é uma atividade multifacetada, capaz de abranger e incorporar fatores distintos. Dentre eles, pode-se destacar a cultura. A sua definição é uma discussão que já perdura por muito tempo, no qual houve vários debates e variações referente ao seu entendimento, como aponta Williams (1992). De maneira geral, como apresentou Laraia (1989), a cultura abrange todas as possibilidades de realização humana. Dessa forma, pode-se interpretar que tudo aquilo que é produzido pelo homem,

sejam seus costumes, hábitos, manifestações culturais, crenças, seu modo de vida em geral, podem ser entendidos como elementos que fazem parte da cultura dos grupos sociais.

Para o turismo, a cultura é um elemento fundamental, pois consegue motivar as pessoas a saírem dos seus locais habituais para conhecer realidades distintas da sua (BARRETTO, 1995). Como demonstra Martins (2006, p. 39), isso fica claro na medida em que “o que de verdade dá sentido a um lugar é o conjunto de significados, os símbolos que a cultura local imprimiu nele, e é isso que leva o outro a sentir, partindo de seus valores, o lugar o qual se visita.”

Diante disso, percebe-se que a cultura é um dos principais atrativos de interesse dos turistas, pois permite essa interação e a possibilidade de pensar em aspectos além da sua realidade imediata (FUNARI e PINSKY, 2003). Os turistas que geralmente se interessam pelo turismo cultural estão em busca de conhecer uma cultura diferente da sua e assim, possibilitando gerar algum valor e sabedoria a partir disso. Devido a isso que o turismo cultural possui um viés também educativo, gerando essa troca de conhecimento e de experiência. Referente a esse contato, Foster (1964, p. 33) afirma:

as sociedades que permitem aos seus membros amplo contato com outras sociedades poderão esperar mudar mais rapidamente e tornar-se mais complexas do que as sociedades cujos componentes têm pouco contato fora de seus agrupamentos locais. Quanto maior o âmbito de novidade a que o povo é exposto, maior a probabilidade de que adote novas formas. O contato entre sociedades é o maior determinante da mudança de cultura.

Devido a essa predisposição a mudança cultural, pode ocorrer também da sociedade receptora ser tão influenciada a ponto de perder as suas características e alterar a sua identidade (DIAS & AGUIAR, 2002). Em virtude disso, é importante ressaltar que apesar dessas mudanças, é pertinente que a comunidade não perca a sua essência e que continue a valorizar a sua cultura.

Um elemento de representatividade relevante para a cultura e conseqüentemente também para o turismo é o patrimônio cultural. Funari e Pinsky (2003, p. 08) o caracteriza como sendo “tudo aquilo que constitui um bem apropriado pelo homem, com suas características únicas e particulares.” Ou seja, esses bens culturais que representam e singularizam os grupos sociais, podendo ser patrimônios materiais, que compreendem os bens tangíveis como os prédios históricos, monumentos, etc, como também os patrimônios imateriais, que correspondem aos bens intangíveis como as danças, a música, as crenças, dentre outros. Para fins desse trabalho, dar-se-á um maior enfoque nos bens imateriais, devido ao objeto de estudo se tratar das manifestações culturais.

Referente aos bens imateriais, a sua preservação e conservação necessita de uma maior atenção, pois possuem um certo agravante: não podem ser congeladas no tempo. Sendo assim, diferentemente dos bens materiais que se conservados podem permanecer estáticos durante séculos, os elementos intangíveis se não forem perpetuados, correm o risco de se perder na história.

Para a escolha desses bens que serão preservados e terão a responsabilidade de representar os grupos sociais, Funari e Pinsky (2003, p. 16) ainda afirmam que:

A construção do patrimônio cultural é um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e por que preservar. A preservação resulta, por isso, da negociação possível entre os diversos setores sociais, envolvendo cidadãos e poder público. O significado atribuído ao patrimônio também se modifica segundo as circunstâncias de momento.

Sendo assim, essa escolha é feita de acordo com o contexto de cada região, podendo envolver diversos fatores e interesses, mas é interessante que envolva símbolos que sejam relevantes para compreender o passado das sociedades. Todos os locais históricos merecem ser preservados e protegidos, entretanto, nem todos tem vocação ou interesse em ser utilizados para o turismo. Essa escolha também é feita através de interesses e principalmente da sua capacidade em atrair fluxos turísticos.

Por sua imensa e diversificada quantidade de recursos naturais, o Brasil é uma referência em turismo quando a motivação do turista está relacionada a conhecer as praias, a fauna e a flora brasileira. Em poucos casos – como em Outro Preto – MG e Olinda – PE – são trabalhados fortemente com o patrimônio e a cultura como sendo os seus principais atrativos. Entretanto, o turismo cultural vem sendo trabalhado pelas outras destinações como elemento complementar, a fim de diversificar os seus atrativos e valorizar a história e a cultura local (DIAS, 2006).

Para a utilização desses bens para fins turísticos, é relevante ressaltar que o patrimônio é um recurso frágil e não renovável, de forma que necessita de uma atenção especial quanto a sua preservação e quanto ao seu uso (PORTUGUEZ, 2004). Sendo assim, é importante que os órgãos responsáveis estejam atentos para a sua manutenção constante, referente ao patrimônio material, e todo o suporte necessário para a conservação dos bens em geral.

Devido a esse apelo cultural e histórico, o patrimônio tem também a característica de passar uma informação, uma emoção, uma memória viva para aqueles que o contemplam (CHOAY, 2006). Essas singularidades e representações que despertam a curiosidade dos turistas em conhecer aquilo que foge ao seu cotidiano e a sua realidade.

Esse patrimônio que representa traços em comum e constituem bens materiais e imateriais reconhecidos e preservados pela população, fazem parte da identidade cultural dos grupos sociais. A definição de identidade está relacionada com o sentimento de pertencimento e as referências comuns da população a partir da sua história, dos seus símbolos e do seu patrimônio (BARRETTO, 2000).

Essa identidade e o sentimento de pertencimento são importantes também para envolver a população local com a sua cultura e a sua história, de modo que possibilite a conscientização de valorizar e conservar esses bens e elementos que fazem parte da sua história e também do seu patrimônio.

A identidade cultural representa a conservação da história e do patrimônio da população, entretanto, também está em uma constante construção, devido às interferências e o contato com outros costumes, advindo principalmente através dos meios de comunicação de massa e também do turismo (CANCLINI, 1999). Sendo assim, devido a essa dinâmica da cultura, é comum que certos elementos não permanecem sempre da mesma forma e que absorvam outros componentes.

Cada indivíduo cresce imerso em uma cultura na qual é transmitida a partir do grupo social o qual ele pertence. Dessa forma, cada um possui uma percepção de mundo distinto e atribuem diferente juízo de valor sobre as coisas. Dentro do turismo, esse é um ponto relevante, pois essas distinções de valores ao se encontrarem podem causar um choque cultural e um estranhamento, podendo comprometer assim a experiência turística. Para evitar esse tipo de situação, é importante pesquisar a respeito da cultura a qual está se visitando, para impedir que esse estranhamento aconteça.

Uma forma de representar a identidade local é através das manifestações culturais, como apresenta Dias (2006, p. 58)

Tais manifestações são mantidas como forma de reverenciar o passado e preservar a identidade cultural dessa população. Na realidade, embora remetam a um passado, com o passar do tempo foram incorporando traços que as tornaram elementos dinâmicos da cultura popular, permanentemente atualizada em decorrência das interações sociais vividas pela comunidade ao longo do tempo, o que inclui o presente.

Sendo assim, essas manifestações são então símbolos da tradição e também envolvem aspectos da modernidade, enaltecendo assim a cultura e os aspectos identitários locais.

Dessa forma, o turismo também se utiliza dessas manifestações culturais de modo que a explora e apresenta aos turistas. Essa comercialização da cultura local é algo preocupante, pois pode haver a supervalorização do lucro que é retirado a partir disso e a essência da manifestação ser deixada de lado (CANCLINI, 1999). Sendo assim, a função social de integrar e representar a sociedade são perdidas e permanece a função simbólica, focando na espetacularização e na profissionalização dessas manifestações.

Essa prática de transformar as manifestações culturais em grandes eventos é uma tendência significativa na indústria do entretenimento, que atualmente está evidenciando as questões do lazer e do lucro do que a sua representação história e cultural. Referente a essa perda de significado, Funari e Pinsky (2003, p. 54) ratificam que:

Nesse contexto celebrativo, predomina o que denominamos de “visão eventista”: o predomínio do evento cultural sobre o produto cultural. Privilegiam-se eventos associados a comemorações e datas cívicas e festivas. São eventos para multidões, próprios para jovens e pessoas incultas, que desconhecem o verdadeiro valor e significado da arte. O objetivo é a diversão pura e simples. E não a reflexão, a contemplação e a educação pela arte.

Como citado acima, apesar de haver um público interessado em conhecer a identidade local através dos eventos, é comum que várias pessoas frequentem as festas apenas para

divertir-se e por questão de *status*, sem se preocupar em entender o verdadeiro sentido do evento no qual está participando. Devido a isso, percebe-se a importância da comunidade local envolvida nesse processo, para manter a memória e a identidade da população e ressaltar a importância de preservar a sua história.

É recorrente que a representação dessas manifestações se iniciem de forma tímida e frequentada e produzida apenas pela comunidade, para reforçar sua identidade e celebrar algum fato importante ou data comemorativa. Na medida em que essas celebrações vão ganhando uma maior visibilidade e grandes proporções, a comunidade perde um pouco o seu espaço e grandes empresas passam a ter uma grande representatividade. Sendo assim, atualmente essas celebrações ganham o status de grandes eventos sociais, religiosos e culturais, e assim atraindo diversas pessoas (BRANDÃO, 2012).

No Brasil existem diversos exemplos de festas e manifestações culturais que são apropriadas e utilizadas pelo turismo, como será exposto a seguir baseado em três casos consolidados no calendário de eventos brasileiros.

O Círio de Nazaré

O Círio é um evento realizado há mais de duzentos anos na cidade de Belém – PA. É uma festividade religiosa da Igreja Católica, no qual inclui uma extensa programação com destaque a procissão que acontece no segundo domingo de outubro com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré percorrendo as ruas de Belém, no qual é acompanhado por cerca de 2 milhões de romeiros (CÍRIO DE NAZARÉ, 2015). Essas pessoas são advindas do estado do Pará, assim também como outras regiões do Brasil e até do mundo. Pela sua representatividade e importância, em 2004 o evento foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural de natureza imaterial.

Esse costume de fazer a procissão de Nossa Senhora de Nazaré é bastante antigo e realizada inicialmente somente pela população local de Belém, que foi se modificando e adicionando novos elementos com o decorrer do tempo, no qual atualmente conta com uma vasta programação de romarias, procissões, apresentações culturais, dentre outros, que dura um mês inteiro. O evento iniciou-se a partir da grande devoção dos paraenses por Nossa Senhora de Nazaré, no qual se tem registros que a primeira procissão ocorreu no início do século XIX pelo então governador Francisco Coutinho, no qual foram convidados apenas os habitantes do interior da então província (SERRA, 2013). Apesar do seu caráter religioso, a festa acabou agregando também algumas programações profanas, além da oficial. A Igreja tenta controlar esses fatores, mas por se tratar de uma festa de abrangência popular, esses elementos acabam fazendo parte também da programação do evento.

Atualmente a festa é organizada e promovida por uma diretoria formada especificamente para este fim, sendo ela a Diretoria da Festa de Nazaré, juntamente com o poder público, a Igreja Católica e a população local. Conta também com diversos patrocinadores privados e apoiadores (CÍRIO DE NAZARÉ, 2015).

O evento movimenta a cidade inteira, a população ornamenta a fachada das suas casas, são promovidas feiras de artesanatos, ocorrem inúmeras festas de caráter profano e cultural, dentre vários outros aspectos. Dessa forma, movimenta uma divisa bastante considerável na região e uma grande movimentação de turistas (SERRA, 2013).

Sendo assim, a atividade turística se aproveita dessa oportunidade e explora esses elementos culturais e religiosos, de modo que o trade turístico inclusive monta arquibancadas próximo aos principais eventos para proporcionar uma melhor visibilidade para os visitantes (SERRA, 2013). As agências de turismo oferecem diversos pacotes para esse período e para que os turistas possam participar também das comemorações e das cerimônias. O evento possui um site próprio, administrado pela sua diretoria, no qual trás informações completas sobre a programação do evento como também sobre o turismo e pontos turístico de Belém. Sendo assim, nota-se que o poder público e a Igreja Católica tentam fazer que o evento tenha uma maior atratividade não somente para que atinja aos turistas, mas também a população local.

Figura 1 – Procissão do Círio de Nazaré.



Fonte: Círio de Nazaré, 2015.

Nova Jerusalém e a apresentação da Paixão de Cristo

A tradição da encenação da Paixão de Cristo iniciou de maneira simples e humilde na década de 50, nas ruas da Fazenda Nova, na cidade de Brejo da Madre de Deus em Pernambuco (próximo ao local que atualmente são realizadas essas encenações). A iniciativa veio a partir do comerciante e líder político local Epaminondas Mendonça. A ideia de transformar essa encenação em algo maior e mais notório partiu através do próprio senhor Epaminondas, após ler uma revista onde informava que uma cidade na Alemanha também encenava a Paixão de Cristo e obtinha um bom resultado. A partir disso, iniciou-se o processo de regular e profissionalizar esse espetáculo para que acontecesse de forma constante, sempre na Semana Santa (PAIXÃO DE CRISTO, 2015). Sendo assim, com uma visão empreendedora e a partir de um grande projeto, foi construída a cidade teatro

chamada de Nova Jerusalém. Esse local se caracteriza por ser uma pequena réplica da cidade de Jerusalém, onde as apresentações ocorrem nesse espaço desde o final da década de 60. É considerado atualmente como sendo o maior teatro ao ar livre do mundo, no qual atraí milhares de turistas brasileiros e estrangeiros. É realizado e organizado através do poder público e de empresas privadas.

A produção conta com atores e produtores de renome nacional, inclusive com equipamentos de áudio em inglês, francês e espanhol para o público estrangeiro. É realizado uma grande campanha de divulgação nacional e internacional para o evento, no qual coloca o nome de Pernambuco em destaque em vários veículos da mídia, garantindo uma importante exposição do Estado e atraindo os turistas para as demais épocas do ano. O evento trás uma grande dinamização e circulação de pessoas e divisas para a região do entorno e os municípios vizinhos a cidade-teatro (PAIXÃO DE CRISTO, 2015). As agências de turismo oferecem pacotes que possibilitam aos visitantes assistir ao espetáculo e permanecer nas cidades vizinhas durante alguns dias para desfrutar dos outros atrativos da região. O próprio site do evento é bastante esclarecedor e informativo, no qual oferece todo o suporte e informação necessária para os turistas terem acesso à encenação como também a contatos de agências. Sendo assim, o espetáculo tem uma grande importância cultural, econômica e turística para essa região, onde dinamiza o seu entorno durante esse período e possibilita a divulgação do Estado para atrair fluxos durante o resto do ano.

Figura 2 – Encenação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém



Fonte: Paixão de Cristo, 2015.

A apresentação do espetáculo “Chuva de Balas no país de Mossoró” durante o evento Mossoró Cidade Junina

Em junho 1927 ocorreu um dos episódios mais marcantes para a vida e identidade dos habitantes de Mossoró – RN. O bando do temido cangaceiro Lampião ameaça invadir a cidade. Uma parte da população e alguns líderes importantes permaneceram e traçaram estratégias de forma a resistir e expulsar a tentativa de invasão (FERNANDES, 1982). Esse Foi

um fato muito importante na história do cangaço e também para a construção da identidade do mossoroense.

A partir desse importante acontecimento histórico, esse elemento passou a fazer parte da memória coletiva da população de uma forma bastante significativa, de maneira que no ano de 2008, foi inaugurado o Memorial da Resistência Mossoroense (COSTA, 2012). Essa construção está localizada no centro da cidade, na área do corredor cultural, no qual através de imagens, fotografias da época, painéis com fotos dos cangaceiros, dentre outros, relatam e demonstram a história da resistência do povo mossoroense.

O ápice do resgate dessa memória se dá durante um evento já consolidado no calendário mossoroense, sendo esse o Mossoró Cidade Junina. Ocorre todos os anos durante os festejos juninos, no qual atrai turistas da região e também do Brasil inteiro, com grandes shows com atrações nacionais, festival de quadrilhas, projetos e programações culturais, assim também como a apresentação do espetáculo Chuva de Balas no País de Mossoró (MOSSORÓ CIDADE JUNINA, 2015).

A iniciativa de representar esse fato histórico partiu através de um grupo de teatro local, no qual no início do século XXI foi incorporado a programação do evento (COSTA, 2012). Com o passar dos anos, a encenação da resistência dos mossoroenses frente aos cangaceiros cresceu, se profissionalizou e ganhou proporções de reconhecimento nacional. Se constitui atualmente como um importante espetáculo e com um alto nível de produção artística. O espetáculo do Chuva de Balas se constitui como um dos pontos altos da celebração, com apresentações de quinta a domingo durante o mês de junho. A cidade também se utiliza dos prédios já existentes que fazem referência ao cangaço para enaltecer esse elemento de sua identidade. (AMARAL, 2008).

Atualmente a festa é organizada através do poder público e da população, além do apoio e patrocínio de grandes empresas privadas, no qual consegue atrair mais de 1 milhão de pessoas (AMARAL, 2008). A cidade inteira se mobiliza no período dos festejos e consegue dinamizar diversas áreas do comércio e também do turismo. Os hotéis ficam com altas taxas de ocupação e as agências organizam pacotes e passeios para que os turistas possam aproveitar o evento e também os atrativos da cidade e da região.

Figura 3 – Apresentação do Chuva de Balas no País de Mossoró



Fonte: Raul Pereira, 2014.

Considerações finais

Como discutido, o turismo se apresenta como uma atividade capaz de influenciar e modificar a dinâmica social e econômica de uma localidade. Isso é possível devido aos impactos causados pelos turistas e pelos outros atores que estão envolvidos na sua execução.

A cultura é um elemento pertinente quando se trata da motivação dos turistas em visitar outras localidades e conhecer uma realidade distinta da sua. Em virtude da cultura ser algo intrínseco e distinto a todo indivíduo, isso que desperta essa curiosidade e gera a troca de experiências entre o visitante e o autóctone.

Devido a essa interação, o turismo cultural se caracteriza por proporcionar essa formação de conhecimento e agregar algum valor aos indivíduos envolvidos nesse processo. O patrimônio se constitui como sendo elemento fundamental nesse sistema, pois constitui um bem que representa a identidade cultural da população.

Diante do exposto, percebe-se que as identidades locais e as manifestações culturais são enaltecidas e valorizadas a partir da realização de festas e celebrações, e o turismo se utiliza e se apropria disso para promover os destinos nos quais os eventos ocorrem e gerar oportunidades de negócios e de mercado para os setores correlatos a atividade. Dessa forma, exaltam e reforçam a identidade cultural das localidades, mas de modo a comercializa-las e gerar um lucro em cima disso.

Essas práticas são bastante comuns, principalmente no Brasil. Entretanto, é pertinente que sejam analisadas os impactos que isso pode gerar aos autóctones como também na alteração ou desvalorização da sua memória coletiva.

Referências

- AMARAL, P. D. A. **A dinâmica territorial da cultura e do turismo em Mossoró/RN**: uma análise geográfica. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2008.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Coleção Turismo)
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas, SP: Papyrus, 2000. (Coleção Turismo)
- BRANDÃO, T. S. Festa e identidade no “país de Mossoró”: uma contribuição para a sociologia do turismo. **Turismo: Estudos e Práticas** – UERN, Mossoró/ RN, vol. 1, n. 2, p. 10 – 28, jul./dez. 2012.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. 3 ed.
- CÍRIO DE NAZARÉ**. Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br/portal/index.php>>. Acesso em maio 2015.
- COSTA, A. N. **Mossoró – Nossa Terra II**. Mossoró – RN, 2012.
- DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural** – recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DIAS, R., & AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo**: conceitos, normas e definições. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.
- FERNANDES, R. **A marcha de Lampião**: assalto a Mossoró. Natal: Ed. Universitária. 1982. 2 ed.
- FUNARI, P. P., & PINSKY, J. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. 3 ed. (Coleção Turismo Contexto)
- FOSTER, G. M. **As culturas tradicionais e o impacto da tecnologia**. São Paulo: Fundo de cultura, 1964.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- MARTINS, C. **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.
- MOSSORÓ CIDADE JUNINA**. Disponível em: <<http://www.mossorocidadejunina.com.br/index.php>>. Acesso em maio 2015.
- PAIXÃO DE CRISTO**. Disponível em: <<http://www.novajerusalem2015.com.br/index.php>>. Acesso em maio 2015.
- PORTUGUEZ, A. P. **Turismo, memória e patrimônio cultural**. São Paulo: Roca, 2004.
- SERRA, D. R. O. Turismo religioso, território e territorialidades: o Círio de Nazaré em Belém – PA. **Geo UERJ** – Ano 15, nº 24, v. 1, p. 104 – 124, 1º semestre de 2013.
- WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.